

INVESTIGANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES/AS DA
EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
UM ESTUDO SOBRE A PRESENÇA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM UMA
ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE
CAMPO GRANDE/MS

CRUZ, Ana Cristina Souza da - ana_cristina_cruz@yahoo.com.br
ZANON, Angela Maria - amzanon@terra.com.br

Resumo: Este estudo é um recorte de uma das etapas da pesquisa de mestrado em Ensino de Ciências, sobre formação continuada de professores/as em Educação Ambiental (EA). Buscamos verificar junto aos/as professores/as de uma escola municipal de tempo integral (ETI) de Campo Grande/MS, a concepção destes/as sobre EA, como tem sido a prática pedagógica desenvolvida em EA e as dificuldades encontradas. A pesquisa foi desenvolvida dentro de uma abordagem qualitativa (LÜDKE E ANDRÉ 1986). Utilizamos a entrevista semi-estruturada com um roteiro elaborado seguindo algumas categorias pré-estabelecidas. Foram entrevistados 8 professores/as e as mensagens desveladas foram analisadas a partir de análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Identificamos que a EA é percebida pelo grupo de professores/as como tema a ser aprimorado em discussões teórico-práticas para uma abordagem mais sistematizada a fim de fortalecer o trabalho.

Palavras-chave: Escola integral, EA crítica, Formação permanente

Abstract: This study is an outline of the stages of a research Masters in Science Teaching, on continuous training of tutors in Environmental Education (EA). We seek to verify with/to teachers as a public school full time (FTE) Campo Grande/MS, the design of/on the EA, as has been the pedagogical practice developed at EA and the difficulties encountered. The research was conducted within a qualitative approach (Lüdke and André 1986). We use semi-structured interview with a script prepared by following some pre-set categories. We interviewed eight teachers and unveiled the messages were analyzed according to content analysis (Bardin, 1977). We found that EA is perceived by the group of tutors as the theme be improved in theoretical and practical discussions to a more systematic approach to strengthen the work.

Keywords: Full School, EA criticism, Ongoing Formation

1. Introdução

As discussões sobre Educação Ambiental (EA) têm avançado entre ambientalistas, pesquisadores e Estado, não por acaso, e tem acontecido por um longo e lento processo. O desenvolvimento social e econômico, aos poucos, menciona a urgência em pensar e agir sobre o ambiente natural e, conseqüentemente, sobre o socialmente construído.

Na escola, a (EA) tem acontecido por meio da sensibilização e conscientização de alguns professores mais interessados pela temática – mesmo que nem sempre atenda às recomendações dos documentos internacionais e nacionais sobre a EA – e preocupados com a grave crise ambiental em que vivemos.

Atualmente evoluímos de uma concepção conservacionista de EA para uma visão mais crítica e emancipatória. Os professores deixaram de contemplar as questões ambientais somente como transmissão de informações e conteúdos ecológicos e passaram a trabalhar problemas ambientais integrados com as ações humanas, questões sociais, econômicas e políticas.

Segundo Guimarães *et al* (2009, p. 51) se faz necessário a produção de um “ambiente educativo que se realiza em ações de caráter pedagógico de intervenção na comunidade, assumindo a dimensão política da educação e potencializando o exercício de cidadania dos educandos e educadores”; pois a crise ambiental na qual vivemos não é uma crise apenas ecológica, mas sim uma “crise do pensamento da civilização ocidental”.

Guimarães (2004) re-significa a educação ambiental como “crítica”, pois acredita na perspectiva da educação capaz de promover a transformação de nossa realidade frente à urgência da grave crise socioambiental. Dessa forma, a EA Crítica, que tem como base a Teoria Crítica, surge em contraposição a EA Conservadora, com características que imperam a conservação da realidade de acordo com os interesses dos dominantes e da lógica do capital.

A educação da atualidade tem como um de seus desafios a responsabilidade de educar indivíduos para vencer a crise civilizatória. Este desafio é também da EA. Para tanto, podemos contar com a “pedagogia ambiental” (LEFF, 2009), que consiste no processo dialógico que valoriza história e cultura do sujeito, além da realidade de construção social de indivíduos com valores, interesses e utopias. Essa pedagogia abandona o conformismo e estabelece a perspectiva da educação baseada na imaginação criativa, para a construção de um novo saber.

Ela requer educadores preocupados com o como fazer. Como renovar sua prática para uma EA interdisciplinar sem esperar modelos de sucesso, mas buscar pela renovação, levantando novas hipóteses e possibilidades, para lidar com a realidade. Educadores que abandonem antigas ações de impor regras sem propiciar a reflexão sobre a necessidade de mudança de atitude, capazes de instituir a necessidade do compromisso de todos com os valores de cidadania.

Em encontro do Grupo de Discussão de Pesquisa (GDP) do III Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA)¹ foram apresentados resultados da pesquisa do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP, 2004), revelando que 95% das escolas brasileiras reconhecem como “Educação Ambiental” algumas de suas ações pedagógicas. Não desconsiderando as discussões sobre a metodologia para obtenção dos

¹ Encontro realizado em 2005, na cidade de Ribeirão Preto/SP. Tendo o Grupo de discussão o tema: Educação Ambiental no Contexto Escolar (GUERRA & GUIMARÃES, 2007).

dados, vamos nos atentar mais sobre as discussões de como está sendo entendida e praticada a EA nas escolas.

Guerra e Guimarães (2007) declaram que o problema na EA não diz respeito apenas às práticas escolares, que na maioria das escolas, caracterizam-se como ações tradicionais e comportamentais, com atividades realizadas de modo pontual, fragmentada (datas ecológicas, palestras, etc) e com pouco envolvimento comunitário. A questão se amplia para o que se tem feito pelas políticas públicas para a efetivação de uma EA crítica e política na escola. E qual formação os professores têm recebido em relação à EA?

Além de uma formação inicial capaz de atender nossa atualidade complexa é necessária uma formação continuada preocupada em envolver o professor em um processo crítico-reflexivo sobre suas práticas pedagógicas e experiências, articulando os saberes de sua prática reflexiva, teoria especializada e os conteúdos específicos. A escola se configura não apenas como espaço de trabalho, mas também de formação permanente e contínua, (AMARAL E FRACALANZA, 2008, p. 3) “em que a formação inicial e continuada se configuram em projeto único e indissociável”.

A Lei nº 9.795/99, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, ressalta que a dimensão ambiental deve estar presente nos cursos de formação de professores, especificando em parágrafo único que a temática deve ser tratada também na formação continuada. “Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental” (BRASIL/ProNEA, 2005, p. 68-69).

Este artigo traz o recorte de uma das etapas da pesquisa de mestrado sobre formação continuada de professores/as em EA. Nesta pesquisa buscamos verificar junto aos/às professores/as de uma escola municipal de tempo integral, a concepção destes/as sobre a EA, como tem sido a prática pedagógica desenvolvida por este grupo de professores/as em relação à temática ambiental e às dificuldades encontradas para desenvolver este trabalho.

2. Caracterização do universo pesquisado: contextualizando a investigação

A pesquisa foi realizada na Escola de Tempo Integral - ETI Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista que tem capacidade para atender 600 estudantes da educação infantil - EI até o 5º ano do ensino fundamental - EF. A escola está localizada na Rua Pinos, s/n, Bairro Paulo Coelho no município de Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul.

A opção pela ETI Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista aconteceu após a constatação dos obstáculos em realizar a investigação em escolas que não fossem de Tempo Integral, por conta da pouca disponibilidade para a participação do/a professor/a no processo de investigação. Depois de verificar que as possibilidades para a participação dos/as professores/as na pesquisa seriam maiores na Escola de Tempo Integral – ETI, também obtivemos a informação de que a EA está referenciada na Proposta da escola, como um de seus princípios, mas que, por ser uma escola recém fundada, precisa avançar nas discussões e ações sobre a temática.

A Escola Municipal Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista é a segunda escola de Tempo Integral da Rede Municipal de Campo Grande/MS, foi inaugurada em fevereiro de 2009, uma experiência ainda nova para o município e os envolvidos neste projeto. As ETI da Rede Municipal de Ensino - REME e o documento que norteia o

processo de implantação das ETI da REME de Campo Grande/MS estão sob orientação do consultor pedagógico Dr. Pedro Demo.

Na Proposta Pedagógica (PMCG, 2008) da Escola (documento de implantação da ETI e que deverá nortear o Projeto Político Pedagógico), fica determinado que as atividades de aprendizagem devem acontecer de maneira interdisciplinar no que se refere aos conteúdos e procedimentos, uma vez que a ETI considera que uma proposta interdisciplinar não pode ser encaminhada por uma única pessoa ou um grupo homogêneo, mas sim por uma equipe composta de origens diversificadas para a integração no todo.

A organização curricular acontece pelos Ambientes de Aprendizagem (AA) que deve atender aos conteúdos específicos de cada disciplina e também aos conteúdos sociais, na tentativa de atender às necessidades da criança. O/a professor/a deverá saber converter as práticas sociais em conteúdos escolares, utilizando uma prática de provocação de situações problematizadas, para que o conhecimento seja significativo e tenha relação com a vida do aluno em aspectos contemporâneo e histórico.

O meio ambiente e a EA estão na Proposta como um dos princípios que norteiam a concepção de Escola de Tempo Integral da Rede Municipal de Ensino de Campo de Grande/MS, considerados não como objeto de extensão ou de evento, mas como componentes intrínsecos da aprendizagem, devendo a ETI ser referência ambiental na Rede de Ensino e conseqüentemente “modelo” de manejo ambiental escolar.

Na Proposta da ETI, os princípios de EA são entendidos como um processo permanente para a tomada de consciência do meio ambiente, buscando iniciativas dos estudantes e da comunidade para soluções críticas e responsáveis dos conflitos presentes e futuros relacionados à problemática ambiental, e ainda garantir meios para: a busca da qualidade de vida, sensibilização dos sujeitos para atitudes conscientes no exercício da cidadania, da inclusão, do respeito, para a convivência de harmonia e tolerância, dentro e fora da escola.

3. Procedimentos metodológicos

A opção de escolha metodológica para o desenvolvimento desta pesquisa foi pela abordagem qualitativa, apresentada por Lüdke e André (1986). Nesta abordagem metodológica acontece o contato direto do pesquisador com o ambiente em investigação. Durante o contato direto com os sujeitos da pesquisa e acontecimentos, é essencial a atenção e organização do processo de coleta de informações. No processo de investigação de caráter qualitativo o pesquisador deve estar atento ao processo dos acontecimentos, valorizando a perspectiva dos sujeitos participantes, considerando os diferentes pontos de vista. Portanto, é essencial utilizar a ferramenta entrevista e sua transcrição, para analisar com acuidade tais percepções.

Para este trabalho, entrevistamos oito professores/as, alguns indicados pela coordenação pedagógica da escola e outros se apresentaram voluntariamente, depois de questionados pela pesquisadora sobre o interesse pela pesquisa, e disponibilidade de tempo para colaborar com a investigação. O critério de escolha desses professores/as para a entrevista foi em relação à turma de atuação e formação específica. Participaram da entrevista um/a professor/a pedagogo/a de cada turma, responsável pelo maior tempo com os alunos em atividades de ensino e aprendizagem, da EI (pré-escola) até o 5º ano do EF, somando seis professores/as. Convidamos também mais alguns especialistas que

atuam na escola com as turmas da EI e do EF, sendo uma professora de língua espanhola e um professor de educação física.

Utilizamos a entrevista semi-estruturada “que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam a pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas”, na intenção de proporcionar ao informante liberdade e espontaneidade em sua contribuição, enriquecendo a investigação (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

As entrevistas foram gravadas em áudio, com autorização assinada pelo/a professor/a entrevistado/a, proporcionando à entrevistadora/pesquisadora liberdade para prestar mais atenção ao/a entrevistado/a.

O roteiro de entrevista foi elaborado seguindo algumas categorias pré-estabelecidas consideradas como essenciais para identificar algumas concepções, práticas, dificuldades e perspectivas dos/as professores/as sujeitos da investigação, desta forma foram elencadas 6 categorias, no entanto, neste momento, optamos por apresentar análise de apenas três categorias: 1) concepção de EA, 2) práticas pedagógicas de EA e 3) formação permanente do/a professor/a para a EA.

As mensagens desveladas nas entrevistas foram analisadas a partir do método de análise de conteúdo, essencial na análise das comunicações entre os homens e na busca das motivações mais profundas, considerando e percorrendo as três etapas sugeridas por Triviños, a partir da obra original de Bardin (1977) sobre o método de análise de conteúdo. O processo é iniciado com a pré-análise, que consiste na organização do material; a segunda fase diz respeito à descrição analítica, etapa de estudo aprofundado do material, codificação, classificação e categorização; na última fase, interpretação inferencial, realizando-se a sistematização dos resultados para construção do saber científico.

Esse método envolve um grupo de técnicas de análise de relatos, são utilizados procedimentos sistemáticos e objetivos sobre o conteúdo das mensagens, como forma de verificação de informações referentes às condições de produção e recepção das mensagens, incluindo também os conteúdos implícitos. Segundo Franco (2008), a análise de conteúdo possibilita a análise do “oculto” das mensagens e de suas entrelinhas, além de enfatizar que, nesse processo, a contextualização deve ser considerada como um dos principais requisitos, garantindo assim a relevância dos sentidos atribuídos às mensagens.

4. Análise dos resultados

Buscamos compreender por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) as mensagens das respostas à entrevista que foi realizada em local reservado, gravada e posteriormente transcrita para análise.

Optamos por manter em sigilo os nomes dos/as professores/as entrevistados/as utilizando a inicial *E* para *entrevistado/a* acompanhado pela numeração de 1 a 8, a fim de identificá-los. Os/as professores/as foram avisados de que as informações coletadas na entrevista seriam utilizadas para fins acadêmicos, desta forma cada um/a deles/as assinou um termo de consentimento livre esclarecido.

4.1. Concepção de EA

A EA para a realidade socioambiental que estamos vivendo deve estar planejada para além das questões ecológicas do ambiente, pois percebemos que muitas pessoas e

grupos sociais percebem-se excluídos da natureza. E no ensino formal, o/a educador/a é o grande responsável pela pesquisa e planejamento da EA que integre o ser humano ao ambiente. Segundo Guimarães (2003), trata-se de uma conscientização para que o ser humano se perceba natureza e não apenas parte dela, desta forma, estaríamos evoluindo da situação de dominação do ser humano sobre a natureza e conseqüentemente sobre o próprio ser humano, avançando para a harmonia e equilíbrio socioambiental.

Nas concepções de EA dos/as professores/as entrevistados/as, identificamos que há a preocupação com a temática e consciência da necessidade de trabalhar a EA no espaço escolar. Identificamos em algumas falas dos/as professores/as que a EA está fortemente relacionada com o meio ambiente e a relação do ser humano com seu espaço.

“EA pra mim é tudo que se refere ao meio ambiente. Quando o aluno está respeitando, respeitando a natureza, respeitando o ambiente que ele vive...fazendo ações que ajude a não estragar este ambiente, a preservar, a conservar, pra população, para as pessoas que virão depois do aluno, depois da criança” (E1 – professora do 4º ano).

“Eu acho que a educação ambiental é a consciência que as pessoas devem ter sobre o ambiente em que vivem; convivendo, tudo. E hoje, também, é levado muito em consideração o meio ambiente, o próprio meio ambiente que está sendo destruído por causa dessa consciência que as pessoas não têm” (E7, professora do 2º ano).

“As formas como a pessoa aprende a interagir. A educação, na verdade, é um aprendizado, então a educação ambiental é aprender como interagir, como usufruir do meio ambiente de uma maneira consciente” (E8, professora de espanhol).

Percebemos nessas falas a preocupação com a garantia da qualidade e preservação do meio ambiente, portanto, uma visão de EA comportamentalista (LOUREIRO, 2006). Nessa concepção de EA, as relações sociais e políticas ficam um tanto excluídas, não há referência à problematização da realidade, e aspectos complexos da sociedade humana ficam diluídos e restritos aos aspectos naturais. Guimarães (2003) diz que o trabalho de conscientização na EA não deve estar restrito à transmissão de valores “verdes”, pois esta é a lógica de uma educação “tradicional”, que não possibilita a educação para a complexidade.

Os/as professores E2 e E5 demonstram conceber a EA como ações educativas que vão além dos aspectos ecológicos e deve acontecer em qualquer lugar. A professora E2 confere ao trabalho de EA a importância de se perceber que o ambiental não está longe e que fazemos parte dele, portanto tudo o que fizermos será sentido por todos. A professora E5 fala do cuidado com meio ambiente, demonstrando a concepção preservacionista de EA, mas também esclarece que a EA deve estar e acontecer em todos os espaços em que estamos.

“Então esta educação...a educação tem que ser assim, as atitudes em todos os lugares, todos os momentos. Esta mudança de pensamento do que é a educação ambiental. Que muitas vezes a gente pensa que é uma coisa que tá lá longe ou que eu não sei como contribuir (ah, eu não derrubei árvore, eu não joguei nada no rio!). E não é. É uma coisa que está bem aqui perto de você e que tem que mudar esta concepção do que é o ambiente, o que é o ambiental, ele não está tão longe, ele está aqui do meu lado” (E2, professora do 1º ano).

“Às vezes as pessoas têm uma ideia equivocada que a educação, que meio ambiente é só a natureza, mas eu acho que a educação ambiental está envolvida em todos os setores onde a gente está: sala de aula, nosso trabalho, nossa casa. Em todos os lugares a gente tem que estar educado para cuidar desse meio ambiente” (E5, professora da EI).

O professor E6 evidencia a compreensão de uma EA que não está restrita aos aspectos da preservação do ambiente natural. Ele compreende o pertencimento do ser humano nesta natureza e, portanto, sua responsabilidade na EA, desde o respeito e cuidado com seu próprio corpo e respeito ao próximo.

“Educação ambiental é uma coisa muito ampla, muita gente acha que educação ambiental é só preservar, plantar árvores essas coisas, mas vai muito além disso. É questão, acho que como um todo. Educação ambiental é todo um ambiente, você vive num ambiente, então, a educação vai desde os cuidados com você, com o próximo, com as coisas que estão ao seu redor. Acho que é uma coisa muito ampla, não uma coisa específica, só questão de ecologia, de animais, de florestas, essas coisas. Acho que é uma coisa geral: é o ambiente onde você vive, onde você mora; seu corpo. Acho que isso faz parte da educação ambiental” (E6, professor de educação física).

Os professores E3, E5 e E6 demonstram uma concepção de EA que se assemelham mais a uma educação para a problematização da realidade, considerando a interdependência natural e social. Portanto, apesar destas concepções também demonstrarem preocupação com o ambiente, podemos identificar uma concepção de EA que vai além da preocupação preservacionista.

“Educação ambiental é uma vertente da educação que mostra a alunos e professores o quanto é importante o seu meio, o meio onde a pessoa vive, onde a pessoa produz a sua vida material, sua vida intelectual. É o local onde a pessoa vive, e que educação ambiental não é só fauna, flora, mas é o conjunto de tudo isso, e que o homem faz parte do ambiente” (E3 – professor do 5º ano).

“Eu acredito que a educação ambiental é tudo aquilo que nos cerca. Às vezes as pessoas têm uma ideia equivocada que a educação, que meio ambiente é só a natureza, mas eu acho que a educação ambiental está envolvida em todos os setores onde a gente está: sala de aula, nosso trabalho, nossa casa. Em todos os lugares a gente tem que estar educado para cuidar desse meio ambiente” (E5, professora da EI).

A professora E4 ficou confusa para responder e demonstrou estar em processo de formulação de uma concepção de EA, pois relata que antes entendia que esta educação deveria estar em outro contexto, como na comunidade, fora do espaço escolar, no entanto reconhece que a escola é espaço no qual a educação é mais efetiva na vida da criança e demonstra ter conhecimento sobre a Proposta da escola na qual os aspectos ambientais aparecem como princípios, no entanto diz não ter muita clareza sobre o assunto.

4.2. Práticas pedagógicas relacionadas à EA

Devido à grande repercussão dos problemas ambientais cada vez mais graves e mais divulgados pela mídia e por pesquisas específicas sobre a temática, a EA vem se tornado mais discutida em diversos setores da sociedade e no âmbito escolar não é diferente. Segundo Guimarães (2005) o jargão de que “a Educação é tudo” surge do senso comum de que a educação poderá resolver todos os problemas e, desta forma uma educação para a mudança comportamental seria essencial. No entanto, a EA deve ser planejada e executada para além de ações pontuais, deve envolver a reflexão sobre a realidade social e política. Tristão (2004) alerta que muitas vezes na estrutura de um

currículo por disciplinas dificilmente os/as professores/as conseguem encaixar a EA e a mesma acaba por estar restrita nas atividades extracurriculares.

Buscamos identificar com este grupo de professores/as quais as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola e especificamente por cada um deles/as em sala de aula e que caracterizam como referente à EA.

Nas entrevistas percebemos que os/as professores/as identificam em suas práticas uma ou outra ação que consideram referente à EA. Alguns pontuam a não sistematização deste trabalho, mas demonstram ter conhecimento de que a Proposta da Escola traz a EA como um de seus princípios e declaram tentar desenvolver a EA em suas aulas.

Identificamos que as práticas descritas pelos/as entrevistados/as estão como a professora E2 nos relatou, voltada para a realidade e as necessidades dos/as alunos/as da comunidade, “*A gente trabalha em cima de projetos. Este ano a gente mudou um pouco a temática, porque a gente trabalha em cima da necessidade e da realidade*”. Guimarães (2003) salienta a importância de um trabalho de EA que leve a sensibilização do/a aluno/a de acordo com a realidade do/a mesmo/a, desta forma, considera-se a vivência imediata para poder chegar a uma vivência plena.

A EA se realizará de forma diferenciada em cada meio para que se adapte às respectivas realidades, trabalhando com seus problemas específicos e soluções próprias em respeito à cultura, aos hábitos, aos aspectos psicológicos, às características biofísicas e socioeconômicas de cada localidade (GUIMARÃES, 2003, p. 37).

Todos/as entrevistados/as consideram que a escola desenvolve a EA ou que pelo menos tenta, como salientou a professora E4: “Assim pelo menos a gente tenta, se for por conta da gente evitar o lixo; coleta do lixo; desperdício de alimento, este trabalho tem na escola”.

Percebemos nos relatos que há a preocupação em sensibilizar e conscientizar os/as alunos/as principalmente sobre questões relacionadas ao lixo e ao desperdício de alimento, pois estas questões apresentam-se como problemas a serem discutidos e resolvidos. Podemos verificar que se trata de uma prática para a conscientização e mudança de comportamento, mas com certa reflexão.

“Então nosso 1º ano neste ano era a alimentação, então eles estavam se alimentando muito mal e jogando muita comida fora. Então, o que a gente faz? Parte daquela necessidade, da nossa realidade e vamos trabalhar em cima. Este ano todo, trabalhamos sobre a alimentação saudável, de passar conceitos de que você tem que se alimentar, você fica aqui o dia todo” (E2, professora do 1º ano)

“Tem nossos trabalhos que a gente faz com material reciclado. Tem na época do plantio, como o bairro não tem árvores, não tem nada, a gente faz esse trabalho e, da própria escola também. A gente está trabalhando para isso, para melhorar esse ambiente, por que aqui é nosso ambiente escolar.

A gente fala da coleta seletiva, mas tudo relacionado mais ao lixo. E tem muitos outros temas que a gente poderia estar trabalhando. Tenho realizado mais conversas, sobre lixo, sobre desperdício, esse tem sido o trabalho na educação infantil” (E5, professora da EI).

“Esta questão de lixo, principalmente na sala, minha sala mesmo no 2º e 3º bimestres era imunda, tanto que eles colocaram um lixão dentro da minha sala, era a sala mais suja. Foi indo, foi melhorando, hoje não, hoje eles sujam mais eles limpam, eles catam os papeizinhos do chão, eles não deixam. Os outros anos trabalham com a questão do

desperdício, a gente também trabalha, na hora de servir, eles que se servem, então eu evito que eles peguem muita comida, eu falo não vai pegar, não vai comer não vai desperdiçar. Porque no começo eles desperdiçavam muito, agora eles desperdiçam menos comida. Eu acredito nisto. Na escola desenvolve isto. E isto já é uma questão de educação ambiental! Porque se eu desperdiço comida aqui eu desperdiço comida na minha casa, esse lixo vai pra onde? A questão do lixo...ele vai pra onde? Papel é árvore se a gente for analisar. Eu posso ficar desperdiçando tanto papel assim?" (E4, professora do 3º ano).

Os/as professores/as admitem que não há uma aula, disciplina ou momento específico para o trabalho com a EA. As atividades permeiam as disciplinas e conteúdos estabelecidos para cada turma. Portanto, a maioria das atividades de EA acontece por meio dos projetos e das problematizações de cada bimestre para cada turma e também por meio dos chamados “ganchos” entre conteúdos ou disciplinas.

“Dentro do que a gente vai trabalhar, dentro dos conteúdos, você pode abordar. Por exemplo: abordar o que? A gente trabalha, na educação física, com a questão da higiene, da saúde, e aí você pode pegar um gancho e trabalhar com a educação ambiental. Cuidados com o corpo, a higiene, e tem alguns ganchos que você utiliza para fazer a criança entender educação ambiental. Ganchos de como você pode proceder nos momentos, mas não específico. Você pega a educação ambiental como um gancho, você pode explicar para os seus alunos o que é uma educação ambiental. Aí, mostrar pra eles que aquilo ali tem função na sua vida, e tem utilidade prática. Educação ambiental não é uma coisa que está longe dela, ela mesmo pode ter isso com ela. Como eu falei, não digo que é educação ambiental, mas sempre trabalho. Como eu trabalho com os pequenos, que não têm essa consciência, nem maturidade, sei que se isso for trabalhado continuamente, ter um prosseguimento, isso vai dar bagagem para eles no futuro. Terem essa conscientização do todo” (E6, professor de educação física).

“A EA aqui...como é uma ETI, tem uma proposta diferenciada por meio da problematização, a EA faz parte do projeto da escola. Então nós devemos estar sempre desenvolvendo ações e não só em uma semana, a semana do meio ambiente. É o tempo todo durante todos os dias. (...) Mas a proposta é, temos que estar desenvolvendo ações, conversando, é no dia-a-dia, não é uma semana, um projeto, um trabalho. Faz parte da proposta da escola a EA” (E1, professora do 4º ano).

“Eu creio que a minha contribuição tem sido na questão da conscientização dos recursos. Que são: na natureza as coisas se esgotam, um dia elas se esgotam. Então, mais nessa parte de conscientizar, para boa utilização, para evitar desperdício. Trabalho com as questões formais, através de um texto jornalístico e, para os mais pequenos, uma ilustração, uma história. Mesmo trabalhando os conteúdos eu procuro sempre associar. Vai trabalhar animais eu já aproveito para falar como era esse ambiente” (E8, professora de espanhol).

O trabalho com a EA também acontece segundo a professora E7 de forma contínua em atividades diárias, pois as crianças ficam durante todo o dia na escola sendo então consideradas importantes as atividades direcionadas a EA, como as relações de respeito com os outros e com seu espaço. Foi também a professora E7 quem mencionou trabalhar a EA de maneira interdisciplinar. No entanto, considerando que a Proposta da Escola traz uma organização curricular, na qual o trabalho pedagógico deve acontecer pelos Ambientes de Aprendizagem, podemos considerar que a EA interage com as diversas disciplinas e conteúdos, como evidencia o professor E3.

“Tem um trabalho, não de uma maneira intensa. Nós, professores, temos desenvolvido um trabalho nesse sentido. Para que melhora, até porque as crianças ficam aqui o dia todo e é daqui que elas recebem a maior parte das noções. Talvez não faça sentido ficar cobrando objetivos e conteúdos, mas a gente está trabalhando o tempo todo na educação ambiental.

Respeito, respeito ao próximo, respeito ao meio ambiente, à sala, a higiene. Então, isso a gente tem como parte da rotina. De uma forma não voltada só para o ambiente, mas interdisciplinar porque a minha função aqui é alfabetizar. Então a gente desenvolve um trabalho de uma alimentação saudável, conscientização, do bairro, das ruas limpas... São esses que a gente vem desenvolvendo. Mas, daí, eu participo em tudo” (E7, professora do 2º ano).

“Em meio aos ambientes de aprendizagem nós contemplamos a educação ambiental, o tempo todo, com maior ênfase em algumas áreas como as ciências naturais, a geografia e a língua portuguesa através da leitura dos artigos científicos. Tentamos integrar. Os ambientes, aqui, são integrados. Nós trabalhamos com Ambientes de Aprendizagem. São cinco ambientes de aprendizagem onde as disciplinas língua portuguesa, história, geografia, matemática e ciências se combinam para resolver problematizações, apresentadas aos alunos. Ela é bimestral” (E3, professor do 5º ano).

De acordo com os relatos apresentados podemos perceber que a escola e os/as professores/as estão desenvolvendo a EA que é um princípio da ETI, no entanto alguns demonstram mais segurança em relação ao como desenvolver este trabalho, enquanto que outros nem tanto, principalmente pelo fato de a EA não aparecer de forma sistematizada ou com delineamento linear como nas disciplinas tradicionais do currículo.

4.3. Formação permanente do/a professor/a para EA

Para que a EA aconteça no sentido de despertar nos/as educandos a necessidade da mudança de atitudes e hábitos a partir da reflexão crítica da realidade, é necessário que o/a professor/a tenha um postura política e crítica no planejamento e nas ações em EA. Para esta postura inovadora é essencial que se abra mão da educação voltada para o instrucionismo (DEMO, 2004a) estabelecendo a constituição da autonomia de alunos/as e professores/as.

Neste processo de EA reflexiva sobre a realidade para a realização das potencialidades das relações no meio ambiente, Guimarães (2003) orienta para a possibilidade de “associar a atitude reflexiva com a ação, a teoria com a prática, o pensar com o fazer, para realizar um verdadeiro “diálogo”, como bem define Paulo Freire em sua proposta educacional; ou seja, ter a *práxis* em EA” (GUIMARÃES, 2003 p. 32).

O/a professor/a deve ter a preocupação com sua formação para poder formar com qualidade, pois segundo Demo (2004b) nada envelhece mais rápido que o conhecimento inovador, portanto alimentar esta formação permanente é essencial para poder ensinar aprender.

Na entrevista verificamos que a maioria dos/as professores/as não participaram de formações específicas em EA. Apenas o professor E3 participou de um projeto de extensão pela UNESP em parceria com a SEMED, na qual a matemática e a EA eram as temáticas. E a professora E1 afirmou ter tido experiência com a EA no seu primeiro curso de graduação.

“Só na faculdade mesmo, com a professora Zanon. No curso de Ciências Sociais nós produzimos materiais, jogos, jogo da memória...pesquisamos e cada um produziu um material relacionado a EA, que era a nossa disciplina com ela” (E1, professora do 4º ano).

Apesar de terem relatado que procuram realizar ações dentro da temática ambiental, identificamos que os/as professores/as reconhecem alguns obstáculos para

desenvolver este trabalho. Portanto, devemos reconhecer que estes/as educadores/as não estão acomodados nas dificuldades e estão dispostos ao aperfeiçoamento da prática pedagógica em EA.

Grande parte dos/as professores/as da Escola participante na investigação tem como formação inicial a Pedagogia e reconhecem que nesta formação há falhas, principalmente porque a maior preocupação é direcionada às metodologias e os conteúdos específicos são tratados na superficialidade.

“As dificuldades são inerentes à minha formação inicial, principalmente na questão da pedagogia. Mas a mesma dificuldade que eu encontro com a educação ambiental eu encontro com as outras áreas do conhecimento humano. Porque na pedagogia nós não temos um momento de reflexão sobre as ciências naturais, sobre a matemática, apenas sobre as metodologias. Então você vem para a escola dependendo muito do seu espírito de busca, da sua disposição em participar de formações continuadas e do seu cabedal de conhecimentos. Se você tem um leque de conhecimentos bons, você desempenha um bom trabalho, se você não tem, você tem que correr muito atrás e pesquisar e se aprofundar” (E3, professor do 4º ano).

“O que falta mais, a grande dificuldade é a falta de preparo nosso para trabalhar com esse tema. Porque, o que a gente sabe, é o que a gente aprendeu na faculdade, o que a gente aprendeu fazendo o magistério, coisas assim. Não tem, assim, uma preparação específica para isso. A não ser quem faz algum curso nessa área, mas, do contrário, não tem. (...) Na nossa formação, a gente tem que dar conta de várias áreas, e, aí ainda entra a diversidade cultural, a educação ambiental... A escola fica bem sobrecarregada. Muita coisa pra fazer” (E5, professora da EI).

Os/as professores/as E2, E4, E6 e E8 também pontuaram que a falta de formação sobre a temática é uma das dificuldades para o trabalho com a EA na escola. Os/as professores/as E5 e E6 também consideram que a falta de recursos direcionados à temática é um obstáculo relevante neste trabalho de EA.

“Outra dificuldade que eu sinto, já que a gente tem que trabalhar, é a falta de material. O que poderia ter para fortalecer esse ensino? Poderia ter alguns jogos relacionados a isso, cartazes, livros que contassem histórias sobre isso. Então, eu acho que é essa a dificuldade que eu acho que a gente tem. De estar fortalecendo mais o ensino” (E5, professora da EI).

“A questão de materiais, de recursos. Questão de conhecimento, de material didático para você aplicar e ter fundamento no que você está fazendo. Não na questão leiga, mas já ter conhecimento, trabalho, poder indicar: “tem o autor tal que fala sobre isso, que é legal”. Então, acho que falta um pouco disso. Não só, pois tem a questão da biblioteca, porque não tem muita coisa para você trabalhar na biblioteca, pra você poder teorizar, fundamentar seu trabalho. Acho que falta mais recursos, materiais, mais formação. Acho que isso que falta” (E6, professor de educação física).

A professora E7 e a professora E5 também pontuaram que a escola e, conseqüentemente, o/a professor/a está sobrecarregado/a. São muitas temáticas e atribuições para o trabalho pedagógico e muita falta de apoio, de tempo e de recursos humanos para auxiliar o/a professor/a nas tantas tarefas direcionadas para a escola.

Os/as participantes da entrevista demonstraram estarem disponíveis e interessados/as em participar de uma formação específica sobre a temática ambiental para melhorar as ações na EA. Nos relatos algumas sugestões foram apontadas pelos/as professores/as, tais como: momentos para tirar dúvidas, pesquisas na internet, trabalhos interdisciplinares, discussão sobre a realidade local, questões dinâmicas e práticas e produção científica.

“Se houver uma formação, a minha disposição é, sempre, participar. Claro que eu seleciono um pouco. Não dá para participar de tudo porque, quando você participa, você tem que participar com eficácia. (...) E, é sempre importante que, mesmo no trabalho de educação ambiental, seja dada a oportunidade de o cursista, ao final, se tornar autor. Quem sabe a elaboração de artigos científicos publicados num *blog* ou num *site* do projeto. Tudo isso é muito interessante, tudo isso contribui muito. Quem sabe uma autoria compartilhada entre o cursista – o aluno que participa do curso – e o tutor. Porque muitas vezes você vai ao curso e só escuta, escuta, escuta e bate palma e vai embora. Ninguém te escuta. Tem que ser dada a oportunidade para que as pessoas escrevam sobre, utilizem aquelas fontes de conhecimento que eles acessaram durante o curso em elaborações próprias” (E3, professor do 5º ano).

“Creio que é importante ter alguma abordagem sobre a realidade do local para despertar a visão das pessoas, as pessoas do bairro, apontando mesmo, através de fotos, meio para chocar as pessoas. Fotografar, filmar, registrar como está sendo a realidade e apontar quais são os riscos se isso continuar assim, e oferecer as possíveis soluções.” (E8, professora de espanhol).

Com a entrevista foi possível identificar que estes/as educadores/as estão em constante formação permanente e valorizam este processo. E em relação à temática ambiental, apesar das dificuldades, buscam desenvolver o trabalho recomendado pela Proposta da Escola sobre a EA e estão dispostos a melhorar esta prática participando de formação específica.

5. Considerações finais

A EA, mesmo que timidamente vem cada vez mais ganhando os espaços formais da educação pelas ações de educadores/as mais interessados pela temática e preocupados com a atual crise ambiental. Muitas vezes são ações sem muita reflexão e criticidade sobre o processo, podendo ser em decorrência da falta de conhecimento teórico e prático e, também pelas tantas atribuições destinadas à escola, aumentando as atividades a serem desenvolvidas pelos/as professores/as sem aumento de tempo para isto.

De acordo com as primeiras análises desta investigação verificamos que a Escola de Tempo Integral – ETI Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista, da Rede Municipal de Ensino – REME de Campo Grande/MS, tem uma proposta educacional inovadora na Rede, pois apresenta a ideia de escola de tempo integral destacando como uns de seus grandes pilares a educação tecnológica e a EA. No entanto, identificamos que a EA apesar de aparecer como um dos princípios da Proposta da Escola, ainda é percebida pelo grupo de professores/as como tema a ser aprimorado em discussões teórico-práticas para uma abordagem mais sistematizada a fim de fortalecer o trabalho.

Identificamos na ETI Professora Ana Lúcia de Oliveira Batista um ambiente propício para o trabalho com a EA, pois professores e alunos contam com tempo para o planejamento reflexivo de ações sistematizadas para um processo de EA crítica e participativa no ambiente formal de educação, além de receberem apoio por se tratar de um projeto de escola modelo na Rede de Ensino do município.

A escola como um dos espaços recomendados para o desenvolvimento da EA pelos documentos oficiais, conferências, leis e outros, deve possibilitar um trabalho consciente e participativo pelos atores da escola e da comunidade, para que aos poucos a crise ambiental e social seja motivo de discussão e planejamento de ações compartilhadas e não apenas individuais. É preciso a formação integral de sujeitos

ecológicos como “um sujeito heróico, vanguarda de um movimento histórico, herdeiro de tradições políticas de esquerda, mas protagonista de um novo paradigma político-existencial” (CARVALHO, 2001, 187-188).

Para a sensibilização e conscientização de sujeitos que se considerem natureza e capazes de agir como parte do equilíbrio socioambiental, é preciso que simultaneamente sejam formados educadores/as para este processo.

Assim, analisadas as primeiras informações sobre esse grupo, nosso próximo passo neste estudo de mestrado será a proposta de uma formação continuada, que deverá acontecer por meio de grupo de estudo e oficina de produção de material didático para ampliar as possibilidades de enriquecimento da prática pedagógica em relação à temática na escola.

6. Referências bibliográficas

AMARAL, I. A. do; FRACALANZA, H. Formação continuada no ensino de Ciências: programas e ações. Campinas: Formar-Ciências - *Revista Ciências em Foco*, 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, Diretoria de Educação Ambiental, Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. *Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA*. – 3º ed. Brasília, 2005.

CARVALHO, I. C. de M. *A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em Educação ambiental*. Tese (doutorado) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

DEMO, Pedro. *Professor do futuro e reconstrução do conhecimento*. 4ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2004a.

DEMO, P. Professor do futuro e reconstrução do conhecimento. In: MACIEL, L. S. B. & SHIGUNOV NETO, A. (Orgs.) *Formação de professores: passado, presente e futuro*. São Paulo, Cortez, 2004b.

FRANCO, M. L. P. B. *Análise de Conteúdo*. 3ª edição. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

GUERRA, A. F.S.; GUIMARÃES, M. Educação ambiental no contexto escolar: questões levantadas no GDP. *Pesquisa em educação ambiental*. Ribeirão Preto:

UFSCar/USP/UNESP, vol 2, nº 1, p. 155-166, jan-jun/2007. Disponível em: <http://www.reasul.org.br/mambo/files/tese_guerra.pdf>. Acesso em: 08/03/2011.

GUIMARÃES, M. *A dimensão ambiental na educação*. 5ª Edição. Campinas/SP: Papirus, 2003.

GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, M. Intervenção Educacional: Do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”. In: FERRARO JUNIOR, L. A. (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente dos Recursos Hídricos Renováveis. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005. 358 p.

GUIMARÃES, M. et al. Educadores ambientais nas escolas: as redes como estratégia. In: *Cadernos Cedes*. Campinas, vol. 29, n. 77, p. 49-62, jan./abr., 2009.

LEFF, E. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. *Educação &*

Realidade, Vol. 34, Nº 3 (2009), set/dez 2009, p. 17-24.

LOUREIRO, C, F, B. Complexidade e dialética: contribuições a práxis política e emancipatória em educação ambiental. *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 131-152, jan./abr. 2006. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a07v27n94.pdf>>

LÜDKE, M; ANDRE, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE/MS. *Proposta das Escolas em Tempo Integral: Diretrizes de Implantação e Implementação na Rede Municipal de Educação de Campo Grande-MS*. Campo Grande, MS, 2008.

TRISTÃO, M. Saberes e fazeres da educação ambiental no cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, nº zero: Brasília, 2004, p. 47-45.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.